

LITERATURA E FRAGMENTAÇÃO: FIGURAÇÕES DA SUBJETIVIDADE MODERNA NA OBRA *A CONSCIÊNCIA DE ZENO*

LITERATURE AND FRAGMENTATION: FIGURATIONS OF MODERN SUBJECTIVITY IN WORK *ZENO'S CONSCIENCE*

LITERATURA Y FRAGMENTACIÓN: FIGURACIONES DE LA SUBJETIVIDAD MODERNA EM LA OBRA *LA CONCIENCIA DE ZENO*

André da Costa Nogueira¹

RESUMO: A modernidade representa um movimento de ruptura com aspectos sociais e culturais pré-modernos que culmina na fragmentação, na ambivalência e ambiguidade do sujeito moderno. Nesse sentido o presente artigo aborda como essas mudanças afetaram a subjetividade do homem moderno e a revolução formal por que passou a literatura para representá-la. No campo cultural salienta a mudança de visão provocada pelas ideias de Schopenhauer, Darwin e Freud, autores admirados por Italo Svevo. Empreende uma breve análise das transformações do discurso literário que constituíram a modernidade literária, na qual se inserem as obras de Stendhal, Gustave Flaubert e Émile Zola, cuja influência pode ser notada na obra de Italo Svevo. Estabelece um diálogo entre subjetividade e literatura no contexto da modernidade salientando a representação do eu e a crise de identidade que se instala no sujeito moderno. Destaca ainda o contato de Italo Svevo com James Joyce, um dos autores responsáveis pela revolução da linguagem literária do Modernismo, e aborda os aspectos que contribuem para a originalidade do romance *A Consciência de Zeno*, demonstrando como vários aspectos da subjetividade moderna estão ali representados.

Palavras-Chave: Modernidade. Subjetividade. Representação. Romance *A Consciência de Zeno*.

ABSTRACT: Modernity is a rupture movement with pre-modern social and cultural aspects that culminates to the fragmentation, the ambivalence and ambiguity of the modern subject. In this sense, this article discusses how these changes affected the subjectivity of modern man and the formal revolution has gone through literature to represent it. In the cultural field underlines the change of vision caused by Schopenhauer's ideas, Darwin and Freud admired authors by Italo Svevo. Undertakes a brief analysis of the literary discourse of the transformations that were the literary modernity, which fall within the works of Stendhal, Gustave Flaubert and Emile Zola, whose influence can be noticed in the work of Italo Svevo. Establishes a dialogue between subjectivity and literature in the context of modernity highlighting the representation of the self and the identity crisis that is installed in the modern subject. also highlights the Italo Svevo contact with James Joyce, one of the authors responsible for the revolution of literary language of Modernism, and addresses the issues that contribute to the originality of the novel *The Conscience of Zeno*, demonstrating how various aspects of modern subjectivity are represented there.

Keywords: Modernity. Subjectivity. Representation. Romance *Zeno's Conscience*.

RESUMEN: La modernidad es un movimiento de ruptura con los aspectos sociales y culturales premoderna que culmina a la fragmentación, la ambivalencia y la ambigüedad del sujeto moderno. En este sentido, este artículo describe cómo estos cambios afectaran a la subjetividad del hombre moderno y la revolución formal que ha pasado la literatura para representarla. En el ámbito cultural,

¹ Licenciado em Letras/Português pela Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: andre.breton10@gmail.com

salienta el cambio de la visión causada por las ideas de Schopenhauer, Darwin y Freud admirados autores de Italo Svevo. Hace un breve análisis del discurso literario de la época transformaciones fueron la modernidad literaria, que entran en las obras de Stendhal, de Gustave Flaubert y Zola, cuya influencia se puede notar en la obra de Italo Svevo. Establece el diálogo entre la subjetividad y la literatura en el contexto de la modernidad que destaca la representación del yo y la crisis de identidad que se instala en el sujeto moderno. Destaca también el contacto Italo Svevo con James Joyce, uno de los autores responsables de la revolución del lenguaje literario del Modernismo, y aborda las cuestiones que contribuyan a la originalidad de la novela *La conciencia de Zeno*, demostrando cómo se representan los diversos aspectos de la subjetividad moderna allí.

Palabras Clave: Modernidad. Subjetividad. Representación. Novela *La conciencia de Zeno*.

INTRODUÇÃO

As transformações advindas com a modernidade modificaram profundamente a concepção que o homem tinha do universo, da sociedade e da sua própria subjetividade. Com a publicação de obras como *A origem das espécies* (1859) a visão divinizante do homem e do universo sofreu um grande abalo. A biologia, ancorada no Positivismo que se impunha, passou a elucidar os mais diversos fenômenos em detrimento da visão tradicional. As teorias evolucionistas e a psicanálise freudiana incorporaram-se à cultura moderna pondo em dúvida a herança cultural cartesiana e iluminista. Nesse sentido pode-se afirmar que “o movimento moderno subverte a unidade da cultura [...] estiliza a ‘cosmologia racional’ que subjaz à burguesa visão de um mundo ordenado segundo bem-comportadas relações espaço-tempo” (BELL apud BERMAN, 1986, P. 26). Outro aspecto relevante que surge com a modernidade é o estabelecimento de uma relação entre o modo de vida privado e as circunstâncias sociais e econômicas resultantes do desenvolvimento da indústria (BENJAMIN, 2000) como a aceleração do ritmo de vida, a especialização do conhecimento, que cada vez mais era cooptado para os setores produtivos e a onipresença do capital permeando as relações sociais. Com efeito, “O dinheiro cria as condições para dinamizar características próprias da modernidade como é o caso da velocidade, mobilidade, labilidade, racionalismo, calculabilidade..., sobrepostas às dimensões de afeto e de emoções” (TEDESCO, 2007, p. 59).

Obrigado a fazer frente a tantas demandas o sujeito moderno passará a desempenhar vários papéis concomitantemente o que contribuirá para a sua fragmentação, para a sua transitoriedade existencial e angústia diante de um mundo em que as coisas mudam numa velocidade até então desconhecida.

Sigmund Freud (2010) afirmará que o caos existencial do sujeito moderno tem sua origem em seu próprio interior, em seu inconsciente. Para Georg Simmel a subjetividade moderna será marcada pela temporalidade, pela inter-relação, pela fragmentação, pela fugacidade (TEDESCO, 2007).

No mesmo ritmo em que as cidades se desenvolviam e eram afetadas pelas transformações da modernidade poetas e pintores conseguem descobrir beleza nessas mudanças e são fortemente inspirados por elas (MORETTI, 2007).

O espírito da modernidade refletiu-se fortemente nas novas formas que a representação literária criou para exprimi-lo e nesse sentido *A consciência de Zeno*, de Italo Svevo, ocupa lugar de destaque ao espelhar a fragmentação, a ambivalência e a angústia existencial do sujeito moderno.

MODERNIDADE E FRATURA SUBJETIVA

O Iluminismo², movimento cultural do século XVIII, se centrava na ciência e no questionamento crítico e racional, recusando todas as formas de dogmatismo seja na política ou nas religiões. Sob esse contexto a subjetividade no período iluminista baseava-se na visão de indivíduo como um ente centrado, racional, dotado de consciência e de capacidade de ação (HALL, 1992). De fato, a subjetividade no Iluminismo “consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo — contínuo ou ‘idêntico’ a ele — ao longo da existência do indivíduo” (HALL, 1992, p. 2). Entretanto, a crescente complexidade da vida moderna trouxe novas configurações a essa concepção de subjetividade na medida em que se reconheceu o papel crucial da interação social e dos aspectos simbólicos e culturais que estão envolvidos em sua formação (TEDESCO, 2007).

Acontecimentos modernos como a publicação em 1859 de *A origem das espécies*, por exemplo, estremeceram a visão centrada do sujeito do Iluminismo, pois punham em dúvida a visão divinizante do homem e do universo (HOBSBAWN, 1988).

O filósofo Schopenhauer, um dos autores que mais influenciaram o escritor Italo Sevo, se contraporá à concepção de subjetividade do Iluminismo ao defender que tanto o comportamento quanto a natureza são decorrência do que denominou *Vontade*, a raiz metafísica da realidade. Assim, de acordo com sua concepção “cada ato, cada fenômeno, é expressão de uma tendência sob a qual se oculta uma Vontade única e superior” (ABRÃO, 2005, p. 211). Schopenhauer antecipa o conceito de inconsciente elaborado por Sigmund Freud ao afirmar que “a consciência é mera superfície de nossa mente, da qual, como da terra, não conhecemos o interior, apenas a crosta” (SCHOPENHAUER, 2000 apud ABRÃO, 2004, p. 211). Mas Georg Simmel, que escreveu um importante livro em que analisa o pensamento de Schopenhauer, insistirá que a vida em sua pujança e vontade absoluta, é a própria resposta aos seus mistérios (FERREIRA, 2000).

² Segundo Philippe Ariès e Georges Duby (2009, p. 221) “o homem do Iluminismo não para de se questionar sobre seu direito à palavra e suas relações com a verdade”.

Georg Simmel estrutura sua concepção de subjetividade moderna salientando o imprevisto, o fragmento, o fugidio, ancorando-se na pluralidade, na relação, no movimento, na interação. Para ele “O homem é o ser indireto e torna-se mais ainda tanto maior seja o seu desenvolvimento cultural” (SIMMEL, 1986, p. 3 apud FERREIRA, 2000, p. 107). Ainda segundo Jonas Ferreira (2000, p. 105) “privado de garantias transcendentais que legitimem uma compreensão bela da vida, ou seja, uma compreensão da vida baseada na harmonia e na proporção, o mundo moderno se vê impelido a assumir-se a partir da desproporção que o caracteriza”. Nesse sentido

A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. (BERMAN, 1986, p. 15)

Aqui já se pode perceber uma distinção aguda entre a subjetividade do homem do Iluminismo para quem os aspectos de harmonia e proporção agiam fecundamente em sua constituição e o caráter fragmentário e fugidio que definirá o sujeito moderno e Georg Simmel, seguindo a linha de seu pensamento crítico, insistirá que a modernidade, tendo em vista seu aspecto ambivalente, na medida em que aliena o sujeito moderno também viabiliza vários processos de liberação do homem (TEDESCO, 2007).

ITALO SVEVO NO DIVÃ DA MODERNIDADE

A fragmentação, a ambivalência, os paradoxos e as ambiguidades que constituem o espírito da modernidade provocaram uma verdadeira revolução nas novas formas que a literatura encontrou para exprimi-lo. De acordo com Paul de Man (1969 apud BERMAN, 1986, p. 331) “toda a força da ideia de modernidade repousa no ‘desejo de remover tudo o que tenha vindo anteriormente’, de modo a atingir ‘um novo ponto de partida radicalmente novo, um ponto que possa ser um verdadeiro presente’”. Talvez esse impulso explique por que

Em vários aspectos fundamentais, as instituições modernas apresentam certas *descontinuidades* com as culturas e modos de vida pré-modernos. Uma das características mais óbvias que separa a era moderna de qualquer período anterior é seu extremo dinamismo. O mundo moderno é um “mundo em disparada”: não só o *ritmo* da mudança social é muito mais rápido que em qualquer sistema anterior; também a *amplitude* e a *profundidade* com que ela afeta práticas sociais e modos de comportamento preexistentes são maiores (GIDDENS, 2002, p. 22).

Ainda na primeira metade do século XIX o discurso literário sentindo os primeiros impulsos das transformações culturais voltou-se para o espaço urbano, moldura emblemática das relações e ações humanas na modernidade, com os romances de Honoré de Balzac na França e a obra de Charles Dickens na Inglaterra. Com efeito, para Robert E. Parker (1925 apud MORETTI, 2007, p. 134): “Devemos muito aos escritores de ficção por nosso conhecimento mais íntimo da vida urbana contemporânea”. Em apoio a essa constatação deve-se mencionar ainda que “a invenção extraordinária de Balzac foi mostrar que a vida de um rapaz podia ser excitante sem que ele tivesse de naufragar numa ilha deserta, assinar um pacto com o demônio nem criar bonecos homicidas de tamanho real” (MORETTI, 2007, p. 140).

Encampando o discurso literário que tinha por pano de fundo a vida moderna, sua complexidade, velocidade e fragmentação, Flaubert, que juntamente com Émile Zola e Stendhal se tornarão as grandes referências na poética de Italo Svevo, publica em 1869 *A educação sentimental*. Escrevendo a respeito de Frédéric Moreau, protagonista do romance, assim se expressou Pierre Bourdieu (1996, p. 18) “Frédéric Moreau é, no duplo sentido, um ser indeterminado ou, melhor, determinado à indeterminação, objetiva e subjetiva”.

A modernidade foi expressa em poesia por Charles Baudelaire através de requintadas alegorias e figuras de linguagem cujo fito era representar o espírito do homem moderno. Para T. S. Eliot, um dos mais festejados poetas do Modernismo,

Não é apenas no uso de imagens da vida comum, não apenas nas imagens da vida sórdida de uma grande metrópole, mas na elevação dessas imagens a uma *alta intensidade* — apresentando-a como ela é, e não obstante fazendo que ela represente alguma coisa além de si mesma — que Baudelaire criou uma forma de alívio e expressão para outros homens (ELIOT, 1930 apud BERMAN, 1986, p. 129).

A partir do final da década de 1880, Georg Simmel se autodeclara integrante do Naturalismo, movimento literário que procurou aglutinar a visão da ciência e da arte sobre os mesmos fenômenos, mais especificamente, sobre a modernidade. A partir daí a palavra “moderno” passou a aparecer abundantemente em seus escritos (HEDGER, 2015).

Italo Svevo, na verdade Aaron Hector Schmitz, era triestino. Tendo nascido em 19 de dezembro de 1861, veio a falecer em Motta di Livenza, província de Treviso, em 1928 vitimado por um acidente de automóvel.

Atualmente é um dos escritores mais famosos e admirados por leitores e pela crítica que o considera um autor de vanguarda e um dos maiores romancistas do século XX. Embora fosse italiano, viveu parte de sua vida numa Trieste ainda sob o domínio do império austro-húngaro e seu *nom de plume* expressa, de certa forma, seu relacionamento com a cultura germânica que tanto

admirava (CASTELAN, 2015). Sua escrita exprime a amálgama de correntes literárias e filosóficas que absorveu mediante a leitura de grandes clássicos da literatura, da filosofia e de renomados autores das ciências modernas.³

Mesmo tendo começado a publicar ainda no final do século XIX, é no Modernismo que Italo Svevo atinge sua pujança estético-formal, sendo emblemáticos seu encontro e a correspondência que manteve com James Joyce⁴, exatamente num momento em que ambos tentavam se firmar literariamente. Os dois autores lutavam por encontrar a forma adequada às suas visões da condição do homem moderno: Joyce irá encontrar seu mote perfeito em *Ulisses*⁵ e Svevo em *A consciência de Zeno*, ambos romances da consciência, da subjetividade retratada em seus mais íntimos movimentos.

Para Anatol Rosenfeld (2009, p. 80) “o romance moderno nasceu no momento em que Proust, Joyce, Gide, Faulkner começam a desfazer a ordem cronológica, fundindo passado, presente e futuro”. Na obra *Conflito na Idade Moderna* há uma importante reflexão sobre esse tema, muito caro a Georg Simmel (1968, p. 25 apud FERREIRA, 2000, p. 107): “A ponte entre o passado e o futuro das formas culturais parece ter sido demolida; nós olhamos sob nossos pés para dentro do abismo de vida não formada. Mas talvez essa ausência de forma seja em si a forma mais apropriada da vida contemporânea”.

A partir da primeira metade do século XX a revolução da linguagem literária trazida pelo Modernismo despertou o interesse dos escritores pela representação da consciência psicológica num nível mais acurado:

Desaparece ou se omite o intermediário, isto é, o narrador, que nos apresenta a personagem no distanciamento gramatical do pronome ‘ele’ e da voz do pretérito. A consciência da personagem passa a manifestar-se na atualidade *imediate*, em pleno ato presente, como um Eu que ocupa a tela imaginária do romance. (ROSENFELD, 2009, p. 83-84).

O romance *Ulisses*, de James Joyce, *A montanha mágica* de Thomas Mann, *Mrs. Dalloway* de Virgínia Woolf, *A morte de Virgílio* de Hermann Broch são exemplos de obras literárias que consolidam essa nova forma de representação. Nessas obras e em outras também filiadas ao Modernismo o enredo já não ocupa o lugar central da narrativa como no romance realista ou

³ Entre seus autores prediletos pode-se citar: Schopenhauer, Darwin, Nietzsche, Freud, Tchecóv, Marx, Dostoiévski, além dos grandes romancistas franceses, como Zola, Balzac e Flaubert (CASTELAN, 2015, p. 1).

⁴ “Joyce representa uma influência, direta e indireta, que poucos poderiam ou queriam negar. Seus próprios contemporâneos lhe atribuíam importância central” (BRADBURY, 1989, p. 139).

⁵ Segundo o crítico literário britânico Malcolm Bradbury (1989, p. 150) “Não admira que uma obra tão rica e astuciosa viesse a tornar-se o livro por excelência do escritor moderno – um grande compêndio de criação, uma gloriosa exploração do potencial da linguagem literária e da extraordinária variedade dos estilos modernos.”.

naturalista. É nessa atmosfera estética que Italo Svevo escreve o seu *A consciência de Zeno*, depois de um intervalo de vinte e cinco anos sem publicar.

“MEMÓRIAS” DE ZENO, UNA PERSONA MODERNA

O romance *A consciência de Zeno* expressa sua ambivalência já a partir de seus aspectos estruturais: uma parte da obra trata-se de “memórias”; outra, de um diário; tudo isso precedido por um prefácio escrito pelo Doutor S. (Svevo?).

A parte “autobiográfica” se compõe de cinco capítulos contendo os períodos que, segundo Zeno Cosini, o narrador, mais importariam ao Doutor S., seu psicanalista, embora uma leitura mais atenta possa demonstrar que esses períodos foram intencionalmente selecionados por ele que, leitor de compêndio de psicanálise, parece ter o desejo de manipular as informações a que o Doutor S. terá acesso. Nesses capítulos Zeno narra suas vicissitudes na tentativa de livrar-se do vício do tabaco, a morte do seu pai, a história do seu casamento e de um relacionamento extraconjugal e o relato de uma sociedade comercial que empreendera com seu cunhado, seu antigo rival na disputa pela mão da bela Ada, sua cunhada.

Segundo Zeno o Doutor S. propõe como tratamento para a cura de sua “doença” que o mesmo escreva suas memórias. Zeno Cosini apresenta-se como alguém “doente” por possuir o vício do tabaco, hábito perfeitamente aceitável para a época, e outras “fraquezas morais”. Essa condição é endossada pelo Doutor S., psicanalista que o acompanha em seu tratamento, embora se saiba que em relação à patologia psíquica “é difícil encontrar uma definição que satisfaça mesmo a um grupo tão seletivo como o dos psiquiatras; é impossível encontrar uma definição que as pessoas aceitem em geral, tal como aceitam critérios de saúde para o organismo”. (BECKER, 2008, p. 19).

Zeno argumenta que não se pode confiar na memória, pois muitas de nossas recordações não são reais, mas criações da nossa imaginação. Dessa forma o que deveria ser uma autobiografia do ponto de vista convencional, passa a ser uma “autobiografia ficcional”. De fato, conforme as próprias palavras do narrador,

Uma confissão escrita é sempre mentirosa. Mentimos em cada palavra toscana que dizemos! Podemos falar com naturalidade das coisas para as quais temos frases prontas, mas evitamos tudo quanto nos obrigue a recorrer ao dicionário! Dessa forma, escolhemos de nossa vida os episódios mais notáveis. (SVEVO, 2006, P. 391)

Segundo Blumer (2013, p. 80) “cada indivíduo alinha sua ação com a dos outros verificando o que estão fazendo ou pretendem fazer – isto é, entendendo o significado de seus atos”. Erving

Goffman (1985) também corrobora essa posição, afirmando que “independentemente do objeto particular que o indivíduo tenha em mente e da razão desse objetivo, será do interesse dele regular a conduta dos outros, principalmente a maneira como o tratam” (GOFFMAN, 1985, p. 13). Como há uma manifesta descrença de Zeno Cosini nos métodos da psicanálise freudiana à qual se submete para tratamento, suspeita-se se o mesmo não poderia, deliberadamente, ter criado algumas de suas “memórias” com o fim de manipular os resultados do tratamento, haja vista que “as pessoas – isto é as unidades de ação – não agem em relação à cultura, à estrutura social ou a coisas semelhantes; elas agem em relação a situações” (BLUMER, 2013, p. 87). Zeno leva sempre em consideração com relação à sua “doença” a significação subjetiva da situação em que se encontra inserido e o significado que constrói das ações dos demais membros do grupo com o qual interage: o Doutro S., seu pai, sua esposa, sua amante, seu sócio. Dessa forma pode-se afirmar que sua “autobiografia” ganha um caráter altamente subjetivo e não documental, servindo de espelho da sua subjetividade.

Ainda no preâmbulo do livro fica clara a crise existencial na relação que o narrador estabelece entre o tempo como um todo e o presente imediato. Sabe-se que o sujeito moderno está exposto a uma série de ambivalências como absoluto/contingente, unitário/fragmentário, transcendental/transitório (TEDESCO, 2007) e que esse processo também contribui para uma crise de representação na arte, culminando num movimento de ruptura com tendências e modelos formais que lhe são precedentes (BRADBURY, 1989).

Dessa forma Zeno Cosini encarna a fragmentação, a fugacidade e a ambiguidade do mundo moderno. Sua crise pode ser aquilatada em seu desabafo: “abriu-se diante de mim um vazio enorme sem que houvesse alguém que me ajudasse a resistir à intensa pressão que logo se produz em torno de um vazio” (SVEVO, 2006, p. 18). Sua inconstância na escolha de sua formação acadêmica quando desiste do curso de direito pelo de química e depois retorna ao anterior, também pode ser apontada como um espelho da sua instabilidade interior da qual, inclusive, tinha plena consciência: “[...] o tempo para mim não é essa coisa insensata que nunca para. Para mim, só para mim ele retorna” (SVEVO, 2006, p. 21). A certa altura, tentando fugir de sua “doença”, Cosini procura um médico, assim se exprimindo sobre o seu caso:

“Não consigo estudar e, nas raras vezes em que me deito cedo, permaneço insone até os primeiros toques de sinos. É por isso que hesito entre a química e o direito, pois ambas as ciências exigem um trabalho que começa em hora fixa, ao passo que não sei quando conseguiria levantar-me” (SVEVO, 2006, p. 22)

Com efeito, na modernidade, “[...] o homem defronta-se com um mundo que deve interpretar a fim de poder agir, ao invés de estar em contato com um ambiente ao qual reage devido à sua organização” (BLUMER, 1980, p. 131-132).

A parte final do romance, a que se constitui de um diário do narrador, marca na estrutura da narrativa um retorno ao presente, à realidade. Zeno afirma, logo no princípio do diário: “acabei com a psicanálise. [...]. Nesta cidade, depois que rebentou a guerra, a vida é mais enfadonha do que antes e, para me recompensar da psicanálise, volto-me novamente aos meus escritos.” (SVEVO, 2006, p. 389). No diário fica ainda mais claro todo o caráter contraditório e ambivalente do narrador:

Empregarei o tempo que me resta livre para escrever. Por isso escreverei sinceramente a história de minha cura. Toda a sinceridade entre o doutor e mim havia desaparecido e hoje respiro aliviado. Nenhum esforço me é mais imposto. Não devo estar constricto a uma fé nem preciso simular que a tenha. Com o propósito de melhor ocultar meu pensamento, acreditava dever demonstrar-lhe um respeito servil, e ele se aproveitava disto para inventar todos os dias novas tramas (SVEVO, 2006, p.390).

Ainda, se referindo à terapia psicanalítica, confessa “[...] à força de correr atrás daquelas imagens, eu as alcancei. Sei agora que foram inventadas. Inventar, porém, é uma criação, não uma simples mentira.” (SVEVO, 2006, p. 391). Aqui Zeno Cosini vê na “doença” a possibilidade da criação, constituindo-se a escrita uma tentativa de consolidação e de instauração de permanência subjetiva ante a inexorabilidade do tempo que tudo arrasta ao esquecimento. O próprio escritor Italo Svevo afirmava que só a escrita salva. (CASTELAN, 2015).

No típico romance urbano de Honoré de Balzac a subjetividade dos agentes sociais ainda era determinada pela estrutura econômica, política e cultural concepção que será encampada pelo modelo sociológico de Durkheim. Contrapondo-se a essa visão Herbert Blumer (2013) sustentará que o espaço social constitui mera moldura onde os agentes sociais atuam, pois, ainda de acordo com seu pensamento, cada agente social age de acordo com a interpretação que constrói da situação que está vivenciando e baseado na inferência que realiza sobre como os demais membros da interação pretendem agir. Em *A consciência de Zeno* vemos um herói que à maneira do protagonista de *A educação sentimental* de Flaubert não enfrenta, por exemplo, problemas de ordem financeira - o que por si só poderia constituir motivo para que ambos organizassem suas carreiras profissionais e acadêmicas com ordem e vagar - entretanto o que se presencia são dois indivíduos marcados pela inconstância e pela indecisão. O sujeito moderno, em certo sentido, compreende que a realidade à sua volta é fruto de sua subjetividade que se expressa em suas ações, entretanto a velocidade da vida moderna, fez com que ele tivesse de desempenhar vários papéis ao mesmo tempo, descentrando seu

eu e provocando-lhe uma crise de identidade (HALL, 2006). No dizer de Sigmund Freud (2010, p. 17)

[Há] casos em que partes do próprio corpo, e componentes da própria vida psíquica, percepções, pensamentos, afetos, nos surgem como alheios e não pertencentes ao Eu; outros, em que se atribui ao mundo externo o que evidentemente surgiu no Eu e deveria ser reconhecido por ele. Logo, também o sentimento do Eu está sujeito a transtornos, e as fronteiras do Eu não são permanentes.

De acordo com Erving Goffman (1985, p. 25) “quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente, solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles”. Em todas as fases de sua vida, conforme suas “memórias”, Zeno escolhe, de acordo com sua visão subjetiva das situações que está experimentando, um papel que, de certa, forma lhe sirva de protetador da sua ação direta. Realmente “a saída mais garantida para uma pessoa evitar ameaças à sua fachada é evitar contatos em que seria provável que essas ameaças ocorressem” (GOFFMAN, 2012, p. 22). Dessa forma no romance o papel de um homem “doente”, em oposição ao arquétipo do pai, um homem de ação, lhe possibilita que ele divague entre seus estudos acadêmicos retardando infinitamente sua obrigação de assumir os negócios da família:

Até sua morte, nunca vivi para meu pai. Nunca fiz nenhum esforço para aproximar-me dele e, quando podia fazer isso sem ofendê-lo, até me afastava dele. Na universidade todos o conheciam pelo apelido que eu lhe dava: *O Velho Silva Mão-Aberta* (SVEVO, 2006, p. 40).

Da mesma forma, no segundo capítulo do romance, em que se narra a história de seu casamento, Zeno acaba por concluir, após um balanço de todos os seus atos durante aquele período, que todas as suas decisões foram influenciadas pela determinação precípua de encontrar uma moça para casar:

Minha vida constituía-se de uma única nota, sem variações, certamente alta e invejada por muitos, mas horripelantemente tediosa para mim. Daí talvez ter-me vindo a ideia de casar-me apenas pelo cansaço de emitir e ouvir aquela mesma nota (SVEVO, 2006, p. 67)

Realmente, em determinadas situações, o indivíduo tende a agir de maneira premeditada, modulando sua expressão de acordo com o tipo de resposta específica que deseja obter daqueles com os quais interage (GOFFMAN, 1985).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura, como as artes em geral, é um espelho no qual se refletem as transformações culturais, sociais e políticas. A representação de uma determinada época, principalmente quando se trata de uma época de rupturas como a modernidade, acaba por causar, também, rupturas formais no discurso literário. Referindo-se à modernidade literária Malcolm Bradbury (1989) afirma que “era essa consciência do colapso da cultura tradicional que explicava a necessidade de construir uma arte nova com base nos fragmentos e sensações do presente” (BRADBURY, 1989, p. 23). Foi essa consciência que estimulou as inovações no discurso literário, dentre outros fatores preponderantes que contribuíram para a instauração da modernidade, que se abordou nesse estudo. Salientou-se que a revolução da linguagem literária na modernidade começou pelo cânone Realista e Naturalista, atingindo a radicalidade no Modernismo, do qual fizeram parte autores como James Joyce, Thomas Mann, Hermann Broch, Virgínia Woolf e Italo Svevo.

Tendo vivido na confluência de duas culturas, a italiana e a germânica, o escritor triestino Italo Svevo acompanhou todas as transformações trazidas pela modernidade por meio da leitura de autores fundamentais para a cultura da época como Schopenhauer, Darwin, Freud, Flaubert e Stendhal. Daí o porquê de seu romance mais famoso, *A Consciência de Zeno*, ter representado com tanto realismo a ambivalência e a fragmentação da subjetividade moderna.

Através da construção de uma personagem atormentada por uma suposta “doença”, que se submete a um tratamento psicanalítico e que nos é apresentada através de sua “autobiografia”, Italo Svevo traça um quadro da crise existencial do sujeito moderno: “[...] filho de uma cultura de contrastes, marginal, mas aberta para a Europa (Trieste, então uma cidade ítalo-austriaco-eslavo-judaica), [Svevo] sentia no ar a crise de uma realidade social e as dilacerações que essa crise operava no âmago da pessoa” (BOSI, 2006, p. 424-425, parêntese nosso). Dessa forma analisou-se como Italo Svevo em *A Consciência de Zeno* traça o diagnóstico da crise existencial da modernidade ao mesmo tempo em que reconhece nessa crise (“doença”) sua marca principal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÃO, Baby. *Grandes filósofos: biografias e obras*. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

ABRÃO, Bernadete Siqueira. *História da Filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada*, 3: Da Renascença ao Século das Luzes / organização Roger Chartier; tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BECKER, Howard. *Outsiders. Estudos sobre sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. [cap. 1 – Outsiders, p.15-30]

BENJAMIN, Walter. *A Modernidade e os Modernos*. Tradução Heindrun Krieger Mendes da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da Modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés e na Maria L. Ioriarti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BLUMER, Herbert. A natureza do Interacionismo Simbólico. In MORTENSEN, C. D. *Teoria da Comunicação*. São Paulo: Mosaico, 1980, p.119-137.

BOSI, Alfredo. Uma cultura doente? In: *A consciência de Zeno* (Posfácio). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

_____. A sociedade como interação simbólica. In COELHO, Maria Claudia (org.). *Estudos sobre interação*. Textos escolhidos. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, p.75-90.

BRADBURY, Malcolm. *O mundo moderno: dez grandes escritores*. Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário*. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CASTELAN, I. C. Ambiguidade e ironia na narrativa do romance *A Consciência de Zeno*, de Italo Svevo. *Unifamma*. Maringá, vol. 14, n. 1, jul. 2015. Disponível em: <<http://revista.famma.br/unifamma/index.php/RevUNIFAMMA/index>>. Acesso em: 6 nov. 2015.

COMO GEORG Simmel chegou à Modernidade e lhe permaneceu fiel? Tradução de Markus Hedger. *Sociologia e Antropologia*. Rio de Janeiro, v. 05.01, p. 53-73, abr. 2015.

“Die Großstädte und das Geistesleben”. In: SIMMEL, Georg. *Gesamtausgabe*. Frankfurt: M. Suhrkamp. 1995. vol. 7. pp. 116-131. Tradução de Leopoldo Waizbort.

FERREIRA, Jonatas. DA VIDA AO TEMPO: Simmel e a construção da subjetividade no mundo moderno. *RBCS - Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 15 nº 44 out./2000.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1985. [p.11-75]

_____. Sobre a preservação da fachada – uma análise dos elementos rituais na interação social. In GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.

HOBBSAWN, Eric J. *A era dos impérios: 1875 A 1914*. Tradução Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

MORETTI, Franco. *Signos e estilos da modernidade: ensaios sobre a sociologia das formas literárias*. Tradução Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Civilização Brasileira, 2007.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/contexto I*. Col. Debates, vol. 253. São Paulo: Perspectiva, 2009.

SCHOPENHAUER, Arthur. O Mundo como Vontade e Representação. Crítica da Filosofia Kantiana. Parerga e Paralipomena. (Trad. Wolfgang Leo Maar; Maria Lúcia Mello; Oliveira Cacciola). *Os pensadores*, v. 32. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

SIMMEL, Georg. O conflito como sociação. (Trad. Mauro Guilherme Pinheiro Koury). *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 10, n. 30, pp. 568-573.

SVEVO, Italo. *A consciência de Zeno*. Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

TEDESCO, João Carlos. Georg Simmel e as ambigüidades da modernidade. *Ciências Sociais Unisinos*. São Leopoldo, v. 43, n. 1, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/5648>. Acesso em: 4 jan. 2016.

WAGNER, Helmut R. (org.). *Fenomenologia e relações sociais. Textos escolhidos de Alfred Schutz*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. Trad. André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. *O campo e a cidade: na História e na Literatura*. Trad. Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.